

A linguagem cinematográfica de Wagner de Assis como interseção entre espiritualidade, saúde e educação

The cinematographic language of Wagner de Assis
as an intersection between spirituality, health and education

*Márden Cardoso Miranda Hott**

*Amanda Márcia dos Santos Reinaldo***

Wagner de Assis é carioca (Rio de Janeiro /1971), formado em Jornalismo pela Faculdade da Cidade e em Cinema pela New York Film Academy. Iniciou sua carreira jornalística em 1993 na TV Globo e em 1977 criou a Cinética Filmes. Com 27 anos de profissão no jornalismo e 23 anos de labor no cinema, atualmente desenvolve trabalhos como diretor, produtor e roteirista de filmes, tendo se notabilizado por inserir no setor cinematográfico obras com vertentes espiritualistas. Agrega em seu currículo longas-metragens com temáticas diversas e apresentados em dezenas de países; publicações literárias; autoria de telessérie; colaborações em novelas; e segue ativamente desenvolvendo novos projetos.

Partindo do princípio de que os meios de comunicação possibilitam o exercício de linguagens que permitem a circulação de percepções sob as mais variadas tônicas em contextos transdisciplinares e multiculturais, este pode impactar espectadores contribuindo tanto para a reprodução, quanto para o questionamento de realidades sociais (Martins et al., 2016). Nestes termos, entendemos que Wagner de Assis é detentor de expressiva representatividade no cenário audiovisual. O mesmo versa sobre o seu foco sutil em problemáticas imbuídas em suas obras que

*Mestre em Medicina/Ciências Fonoaudiólogas pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). Pesquisadora da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). E-mail: estagioeff@yahoo.com.br.

** Doutora em Enfermagem Psiquiátrica pela Universidade de São Paulo (USP). Professora Associada da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). E-mail: amandamreinaldo@gmail.com.

perpassam por vertentes que movimentam a saúde coletiva brasileira ao abordar tópicos de incidência global, universalizando o caráter antropológico.

Neste sentido, a utilização do meio de comunicação, o cinema, figura com valioso recurso produtivo que funciona como verdadeiro registro etnológico (Codata, 2010), se apodera da ligação das artes com a vida social dotado das práticas opífises com potenciais não somente estéticos, mas gnosiológicos, éticos, culturais e políticos (Žižek, 1995). Espiritualidade, saúde mental e a educação para a vida e para a morte são temas abordados neste trabalho. Nosso entrevistado concordou gentilmente em responder aos questionamentos em agosto de 2019, demonstrando seu envolvimento e altruísmo para colaborar com causas comunitárias.

Entrevista

Márden Hott/Amanda Reinaldo: Wagner, agradecemos o aceite do convite para participar desta entrevista. Acreditamos que sua argumentação será de grande relevância para a comunidade científica, bem como para a sociedade em geral. Iniciamos com uma retrospectiva referente às suas memórias. Quando, como e por qual motivo o tema "Espiritualidade" despertou seu interesse? A vertente é de cunho apenas profissional ou abrange também seu contexto pessoal? Poderia discorrer sobre isso?

Wagner de Assis: Não tenho um ponto inicial sobre o interesse em assuntos espirituais. No entanto, sempre estiveram presentes em minha vida, seja pela cultura familiar (católica/espírita), seja pelas curiosidades sobre fenômenos e assuntos transcendentais. A literatura referente a estes assuntos foi uma forte motivação desde a minha adolescência, principalmente por se apresentar despida de preconceitos de outras pessoas que poderiam ser influenciadoras nesta questão. Minha primeira formação profissional não tinha ligação direta com os temas, mas me ajudou a aprender a pesquisar, perguntar e criar senso crítico. O interesse espiritualista se intensificou quando comecei a trabalhar na TV Globo, em 1993, inicialmente no Departamento de Comunicação. Era uma área que lidava diretamente com as criações de dramaturgias da emissora. Isso foi o estopim para um despertar imenso em contar aquelas histórias ficcionais em detrimento daquelas do mundo real que o jornalismo me oferecia. A partir daí, começar a colocar em movimento os temas que mais me são caros foi um processo lento e árduo de aprendizado (ainda o é). Trabalho em diferentes entendimentos sobre o meio de comunicação e

no cinema sempre olho num contexto mais amplo o enfoque da espiritualidade. Acho que a tendência espiritual é a principal busca do ser humano. O "ser feliz", como suposta base de ideal de vida, atualmente é, em tese, locupletar um desejo do espírito, da alma. Além do mais, também acredito que a grande fronteira humana é para dentro de si, em suas raízes intangíveis, em suas origens imponderáveis. Fora disso, todo o resto é temporário e passageiro, mutável e cheio de armadilhas no processo de descoberta, pois haverá sempre algo novo daqui a seis meses, especialmente por estarmos inseridos em uma sociedade consideravelmente tecnológica.

Márden Hott/Amanda Reinaldo: No filme *Kardec, a história por trás do nome* (2019), a mediunidade em meados do século XIX era interpretada de maneira geral como sugestiva do que ainda hoje muitas correntes psiquiátricas consideram ser um distúrbio psiquiátrico, desta forma, é tratada de maneira exclusivamente patologizante. Ao retomar a questão levando para as telas dos cinemas a síntese metodológica de pesquisa, a visão holística dos fatos e a imparcialidade na interpretação dos resultados do acadêmico Allan Kardec,¹ você acredita que possa chamar à reflexão os ditos tradicionalistas/reducionistas das áreas da psique?

Wagner de Assis: Para mim, e isso na verdade se traduz no filme, assim espero, a história do Kardec é, antes de tudo, uma exposição de sua transformação pessoal. Ou seja, uma pesquisa sobre si mesmo, uma busca interior por respostas essenciais. Mas, para isso, era necessário entender a sociedade parisiense e europeia daqueles intensos anos de 1850, numa sociedade cheia de transformações sociais. Um lugar onde os donos da verdade estavam mudando, não mais o clero nem os nobres, mas os cientistas. Em um ambiente no qual ocorreu a explosão de ciência e do racionalismo, o personagem transitava muito bem e isso o classificaria para empreender de uma pesquisa sem o viés dogmático ou manipulador do *establishment*.² Entendemos que contar esse aspecto de como fé e razão podem se agrupar, de alguma forma, era a grande quebra de paradigma que existiu na vida do Kardec. Esse retorno que derrubava a dicotomia poderia colocar tudo sobre o prisma do entendimento, mas também sobre a égide do espírito, da fé. Relembrar Kardec e suas origens factuais talvez possa incitar itens de reflexões. Até que ponto ainda somos manipulados em nossas crenças? Até que ponto os donos da verdade estabelecida podem responder por tudo como senhores absolutos da razão? Lidar com médiuns, claro, sempre foi uma questão vital para ele em função das fragilidades

do processo de controle do fenômeno. Daí a criação de seu método de exclusão e comparação de respostas (posteriormente denominado de método do conhecimento universal) que teve um papel importantíssimo no desenvolvimento da pesquisa. Isso é enfatizado no filme e nos propõe uma luz, talvez, nos dias atuais, visto que é válido colocar razão em tudo o que diz respeito à fé quando ela envolve seres humanos. Em contrapartida, é necessário relativizar sempre as verdades absolutas para saber que há um mundo invisível, no qual às vezes só podemos acreditar, mas que hipóteses sempre são o norte das nossas descobertas. Essas hipóteses podem sim nascer do campo da fé, de efeitos psíquicos ditos mediúnicos e demais aplicações do conhecimento espiritual. Com o uso da razão podemos encarar a loucura sobre um novo prisma. Com fé, poderemos encarar a mesma loucura sobre um prisma mais completo ainda, eventualmente. No final das contas, é tempo de caírem todos os véus do mundo invisível que nos cerca, é preciso aprofundar todas as relações energéticas, fluidas e sensoriais do ser humano como ferramentas de saúde, de comunicação e do que mais convier.

Márden Hott/Amanda Reinaldo: Ainda sobre o filme *Kardec, a história por trás do nome*, a cena do suicida demonstra o ápice do estado depressivo. Também é retratada a impotência de uma intenção intervencionista impeditiva. Posteriormente, o autoexterminador retorna em espírito por meio da psicofonia relatando sua condição pós-morte. Em poucos minutos foi possível demonstrar a problemática que incide de maneira global e crescente na atualidade (Calixto-Filho, Zerbini, 2016), chegando a níveis alarmantes para a saúde pública. A mensagem transmitida pode ser considerada preventiva em ações extremistas desta magnitude em espectadores que possivelmente estejam sob influências mentais que conduzam a atitudes desta natureza? Qual a sua leitura sobre este aspecto?

Wagner de Assis: Bem, a proposta do suicida voltar é justamente dar o passo além de um fato, considerando que tirar a vida não é deixar a vida. Isto é algo que Kardec descobriu e concluiu imediatamente quando começou a entrevistar as personalidades que vinham lhe dizer o que viviam e faziam na vida espiritual. Além de inferir que "os espíritos não sabem de tudo e o conhecimento é variável à evolução moral", ele também descobriu que o suicídio é um crime contra a vida sem lograr êxito. No filme não queríamos trazer os comunicados espirituais para dentro da narrativa, a intenção era deixar apenas perguntas no ar. Contudo, seria importante levantar questões que tocavam profundamente o professor: a depressão e o suicídio.

Ele se dedicou muito a tentar demonstrar para as pessoas como aquela atitude seria ineficaz para amenizar suas dores, uma vez que elas estavam enraizadas em outras fontes de sofrimento, como em vidas passadas ou em atitudes desregradadas. Como humano que era, Kardec não conseguia evitar que todos dessem o passo em falso e pulassem das pontes, por exemplo. Essa dor era importante para mostrar que não há milagre também quando o conhecimento não surte efeito transformador na pessoa. Saber que a vida não acaba não resolve o problema da vida, como diz André Luiz no livro *Os Mensageiros*.³ O importante é o que a pessoa vai fazer com aquela informação. Estar ali, imóvel, em frente a um homem que está em crise, sem poder acudir. Imagina se antigamente as pessoas tinham o hábito de tentar evitar essas atitudes assim? Não tinham. Era impensável e havia também uma limitação física, não se sabia nadar. Desta forma, cair no rio era morrer junto.

Márden Hott/Amanda Reinaldo: O "Transtorno do Déficit de Atenção e Hiperatividade (TDAH) tem sido o principal motivo de encaminhamento dos menores com "problemas" de escolarização e comportamento nos ambulatórios públicos de Saúde Mental (Paula, Mognon, 2017). No filme *A menina índigo* a temática está relacionada às especialidades que alguns destes apresentam. No momento em que se estimula a multidisciplinaridade integrando saberes e práticas com vistas ao diagnóstico e tratamento assertivo (Santos et. al., 2013), o núcleo familiar, a equipe pedagógica e da saúde precisam encontrar consenso para que crianças e adolescentes recebam a atenção que carecem e merecem. O longa-metragem aborda os desafios que permeiam todas as partes envolvidas com o desenvolvimento humano. O que o motivou a realizar esta obra e quais são suas expectativas em termos de resultados sociais que possa viabilizar?

Wagner de Assis: Esse filme foi justamente feito pensando no aspecto profundo e amplo de alguns significados, sendo que o primeiro deles é a educação. Em especial a educação nuclear, familiar, como primeira abordagem. Toda a narrativa tem um tom crítico sutil às escolas que não mudam suas formas de transmitir conhecimentos. Bem como para com os pais que "terceirizam" a obrigação de educarem seus filhos, mesmo que precisem se (re)educarem para tanto. Acredito que o discurso nacional sobre educação deveria passar pelas famílias inicialmente. É preciso consagrar esforços para que os primeiros anos da criança, no núcleo básico da sociedade, seja um período de formação de caráter, de valores, da integridade, da ética e moral. Mas isso parece estar esquecido no discurso oficial, bem como no

discurso da sociedade. Achem que a escola é obrigada a formar pessoas e esquecem-se do papel familiar no assunto. Também pensamos em abordar o tema das “supercapacidades” versus os “transtornos de sopa de letrinhas”, que nos afligem hoje em dia. E o tom de crítica vem de informações oficiais acerca do absurdo aumento de prescrição de remédios para crianças ainda na primeira infância. Isso é assustador. A poesia dos índigos é apenas uma "bela desculpa" para contar a história daquela menina. O fato é que ela simboliza uma geração enorme que sofre por ser não estar no antigo conceito de normalidade. Tenho recebido muitos retornos de pais e avós sobre como aprender a olhar diferente para as novas gerações. Isso é muito bacana, visto que a história também provoca reflexões profundas sobre assuntos que parecem estabelecidos e não são questionados, como os que já foram mencionados anteriormente.

Márden Hott/Amanda Reinaldo: O filme *Nosso Lar* (2010) inspirado na obra literária homônima⁴, dentre seus vários argumentos espiritualistas, descreve detalhadamente o mundo intangível como uma réplica aprimorada do mundo material. Neste cenário, existe o ideário da imortalidade da alma, da comunicabilidade dos espíritos e da continuidade da vida espiritual com rotinas similares às que conhecemos. Esta abordagem pode ser um apontamento que trás benesses para as pessoas que vivenciam o "Transtorno Complexo do Luto Persistente", desencadeado pela perda de ente querido (APA, 2014), alijando a dor emocional diante do indicativo de uma separação temporária e do futuro reencontro? Qual a sua perspectiva geral sobre este painel?

Wagner de Assis: *Nosso Lar* é realmente um fenômeno de penetração e interação com as pessoas, desde seu lançamento. Ao longo desses anos, não passei mais de duas semanas sem receber algum tipo de relato, experiência ou depoimento relacionado ao filme. Como ele mexeu com as pessoas profundamente, desenvolvi uma tese simples: a história toca em botões que abrem as reminiscências espirituais humanas. Não falo apenas do filme em si, mas também da história do André Luiz contada no livro de Chico Xavier que o originou. Há um componente muito forte que é o de lidar com saudades e com medo de perda. Talvez o filme seja uma luz de alento, mas que não passará disso certamente se a pessoas não se propuser a outros processos. Não entendo cinema como agente transformador, mas sim com agente iluminador de reflexões e ideias que podem ser positivamente provocativas. Essa é a força das narrativas desde nossos mitos de criação. Contar as histórias

nos faz acreditar nelas, mas não necessariamente nos faz viver em função delas. A diferença aqui, nesse caso sutil, todavia, é que a história fala acerca de uma realidade premente, latente, na mente das pessoas. Houve gente que saiu da sala de cinema apavorada ao reconhecer nos primeiros minutos do filme, algo que falava muito seriamente a ela num nível que nem ela mesma reconhecia. Saber o que acontece depois da morte é uma reflexão muito poderosa, que lida com temores e outros sentimentos. A vida depois da vida é propriedade de todas as pessoas, numa análise simplista. Vê-la representada em símbolos e signos é reverberar algo que está dentro da gente, como espectador não mais passivo, mas interativo. Além disso, em geral, estamos falando literalmente de um tema que interessa a todo mundo. O filme está em 40 países, não por acaso.

Márden Hott/Amanda Reinaldo: Prosseguindo com a ênfase no filme *Nosso Lar*, este interpela a consciência da Lei de Causa e Efeito que verte do Espiritismo Cristão. Independente da interpretação da história como fictícia ou realidade intátil, nos convida a repensar atitudes éticas e morais que contribuem para o bem-estar físico, social e emocional (espiritual), determinantes para a definição de saúde (OMS, 1988). Por inferência, a trama alcançou pessoas de diferentes credos no Brasil, considerando que a bilheteria, com mais de 4 milhões de espectadores, ultrapassa em números a população declaradamente espírita com 3,8 milhões de adeptos (IBGE, 2010) em censo realizado no mesmo ano de lançamento, apesar da Federação Espírita Brasileira estimar um montante muito mais expressivo de simpatizantes (FEB, 2010). A que se deve a universalidade do filme que emergiu da literatura mediúnica?

Wagner de Assis: Nossa proposta inicial sempre foi fazer uma história além das fronteiras espíritas. Não acredito em espiritismo como gênero de cinema e acho que isso é ruim para ambos, cinema e espiritismo. Uma boa história, bem contada, é o que as pessoas querem ver nos cinemas. Então, se entendemos aquelas histórias com gêneros conhecidos e temas ligados à espiritualidade como sendo boas, devemos contá-las para todas as pessoas. Assim sendo, claramente o filme encontrou seu público muito além das casas espíritas, tanto no Brasil como no exterior, como já dito. O tema é fascinante, uma vez que fala com todos os credos e filosofias. Mesmo ateus podem ser interessar para dizerem como aquela representação da vida após a morte é fictícia. Em alguns países o filme foi tratado como pura ficção científica. Mas as questões humanas estão lá, tais como mortalidade,

imortalidade, causa e efeito, ética e moral, enfim, há uma gama de reflexões universais que podem ser realizadas depois da exibição do filme. Isso também demonstra que estávamos certos em buscar essa universalidade da história.

Márden Hott/Amanda Reinaldo: Há na sua mais recente produção, *Amor assombrado*, uma abordagem de questões espiritualistas que nos conduza a ponderações existenciais ou antropológicas que possam beneficiar a saúde emocional do público? E quanto aos projetos cinematográficos *Nosso Lar 2 - Os Mensageiros* e *Emmanuel*, estes seguem o viés implícito (ou não) de contribuição social para a elevação da condição humana?

Wagner de Assis: Totalmente. Em *Amor Assombrado*, uma escritora diagnosticada como esquizofrênica vive com personagens de seus livros como se fossem seres humanos e também com personagens frutos de sua imaginação, desde a adolescência. Ao mesmo tempo, ela tem uma história de amor com um jovem que não sabe de onde vem e quando ele reaparece, começa a pensar sobre outras dimensões e como seria viver nestas esferas. Ela está numa crise existencial e criativa. O que pode sair dali é imprevisível. Não queremos mudar o mundo nem melhorar a condução humana fazendo cinema num primeiro objetivo. Arte é algo que busca caminhos imponderáveis e não me cabe tentar direcioná-los, ainda mais arte feita de forma e distribuição industrial. Mas, quando resolvemos contar a história de *Os Mensageiros*, que podem ser confundidos com Anjos da Guarda, numa transgressão sincrética, estamos abordando o tema e colocando-o à apreciação das pessoas para serem entretidas, pensarem, viverem uma experiência. *Emmanuel* é a mesma coisa. Contar a vida de um homem com a sua importância (para quem o conhece e acredita em sua jornada) é também relativizar o tempo, as relações entre vidas, os projetos que atravessam os anos. Talvez este filme venha ser a primeira “espiritocinebiografia” da história, inventando uma palavra.

Márden Hott/Amanda Reinaldo: Saindo da Sétima Arte, que a princípio requer mobilidade e investimento para acesso aos filmes, e adentrando os lares brasileiros nos quais as televisões possuem maior abrangência e acessibilidade, também neste espaço suas contribuições para com temas espiritualistas se fizeram presentes, a exemplo das novelas *Além do tempo* (2015) e *Espelho da vida* (2018-2019). Ambas as produções apresentaram histórias enigmáticas e descobertas surpreen-

dentes alinhavadas às premissas da Doutrina Espírita. Para além do entretenimento, em que os conteúdos podem ter contribuído para o entendimento das relações humanas?

Wagner de Assis: Essa é a grande pergunta para quem quer contar histórias em meios de comunicação de massa. Fiz parte da equipe da autora de telenovelas brasileiras, Elizabeth Jhin, que comandou as duas produções com bases em temas pertinentes à Doutrina Espírita, mas não propriedade dela. Falar de reencarnação hoje em dia (tema abordado nas novelas) é menos complicado do que há 30 anos, por exemplo. Isso é bacana, pois pode permitir que as pessoas conciliem o tema em suas vidas, acreditando ou não nele. Se isso contribui para as relações humanas, acho que o mérito é das interações entre aqueles que tentam melhorar e encontram nas obras resquícios de motivação para empreenderem suas viagens. Compreendo que as obras não são agentes modificadores. A mudança inter-relacional é pessoal e intransferível, a meu ver, uma jornada solitária que pode ser ajudada, direcionada, mas nunca vivida pelo outro.

Márden Hott/Amanda Reinaldo: Reiteramos o agradecimento por nos ceder esta entrevista e gostaríamos que deixasse uma mensagem para os leitores.

Wagner de Assis: As pessoas em geral me abordam dizendo que faço algo maravilhoso pela Doutrina Espírita que é a sua divulgação. Eu entendo, mas não consigo concordar diretamente. Acho que os filmes abordam temas presentes e pertinentes à doutrina, e sou espírita o suficiente para entender isso, mas não são agentes de mudanças. Divulgar o espiritismo só faz sentido se a pessoa o vivenciar. A condução dos caminhos desse conhecimento é de responsabilidade muito mais ampla e pertence a quem de direito. Os espíritos nos dizem que esta virtude é de Jesus, o mais evoluído que já passou por aqui. Portanto, antes de divulgar a Doutrina Espírita, é melhor vivê-la de verdade. Só assim, então, seja no cinema, no teatro ou dentro de casa, a mensagem vai ser viva e vivida de verdade. Os filmes estão aí para reforçarem nossas histórias e nos darem identidades como seres humanos. Que, então, possamos continuar a contar nossas histórias que atravessam dimensões e entram no imponderável e maravilhoso mundo espiritual. Informo que nossos projetos podem ser acompanhados em todas as redes sociais disponíveis. Estou me acostumando a essas necessidades, tentando viver e ver o melhor que esses veículos de comunicação podem oferecer, apesar dos pesares. Obrigado!

Referências bibliográficas

APA. American Psychiatric Association. *Manual diagnóstico e estatístico de transtornos mentais: DSM-5*. 5º ed. Porto Alegre: Artmed, 2014.

CALIXTO FILHO, Magid; ZERBINI; Talita. Epidemiologia do suicídio no Brasil entre os anos de 2000 e 2010. *In: Saúde, Ética & Justiça*. São Paulo: USP, v. 21, n. 2, 2016. pp. 45-51. Disponível em: <https://doi.org/10.11606/issn.2317-2770.v21i2.p45-51>. Acesso em 20/06/2019.

CODATO, Henrique. Cinema e representações sociais: alguns diálogos possíveis. *In: Verso e Reverso*. São Leopoldo: Unisinos, v. 24, n.55, p. 47-56, 2010. Disponível em <http://www.revistas.unisinos.br/index.php/versoereverso/article/viewFile/44/8>. Acesso em 20/06/2019.

FEB. Federação Espírita Brasileira. *Conteúdo espírita em artigos, notícias, estudo, pesquisa, especialmente para você*, 2010. Disponível em <http://www.febnet.org.br>. Acesso em 25/06/2019.

IBGE. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. *Censo Demográfico 2010: Características gerais da população, religião e pessoas com deficiência*. Brasília, 2010. Disponível em <https://www.ibge.gov.br>. Acesso em 25/06/2019.

MARTINS; Eduardo, IMBRIZI; Jaqueline, GARCIA; Maurício. Cinema, Subjetividade e Sociedade: A Sétima Arte na Produção de Saberes. *In: Revista de Cultura e Extensão USP*. São Paulo: USP, v. 14, n. supl., 2016. pp. 53-64. Disponível em <https://doi.org/10.11606/issn.23169060.v14isupl.p53-64>. Acesso em 25/06/2019.

OMS. *Organização Mundial da Saúde*, 1988. Disponível em <http://www.who.int/about/es>. Acesso em 22/07/2019.

PAULA; Cleonilda, MOGNON; Jocemara Ferreira. Aplicabilidade da Terapia Cognitivo-Comportamental (TCC) no tratamento do Transtorno de Déficit de Atenção e Hiperatividade (TDAH) na infância: Revisão Integrativa. *In: Cadernos da Escola de Saúde*. Curitiba: UniBrasil, v. 7, n. 1, 2017. pp. 76-88. Disponível em: <http://portaldeperiodicos.unibrasil.com.br/index.php/cadernossaude/article/view/3080/2650>. Acesso em 25/06/2019.

SANTOS, Bruna et al. A Atuação do Psicólogo no Apoio à Criança com TDAH. *In: Psicologado*. Edição 11/2013. Disponível em <https://psicologado.com.br/psicopatologia/transtornos-psiquicos/a-atuacao-do-psicologo-no-apoio-a-crianca-com-tdah>. Acesso em 06/07/2019.

ŽIŽEK, Slavoj. Reflections of Media and Politic and Cinema. *In: GEERT, Lovink. InterCommunication*, v. 14, 1995. Disponível em: <http://www.lacan.com/zizek-reflections.htm>. Acesso em 06/07/2019.

¹ Pseudônimo de Hypolite Leon Denizard Rivail, codificador da Doutrina Espírita.

² Termo do idioma inglês que, neste sentido, é utilizado para enfatizar a ordem ideológica social.

³ Os Mensageiros é uma obra publicado pela Federação Espírita Brasileira no ano de 1944, sendo a segunda da série composta por 16 livros do autor espiritual André Luiz, psicografada por Francisco Cândido Xavier, mais conhecido como Chico Xavier (Pedro Leopoldo, 2 de abril de 1910 - Uberaba,

30 de junho de 2002), este que foi um médium psicógrafo de mais 450 livros e filantropo, considerado um dos mais importantes expoentes do Espiritismo.

⁴ Nosso Lar é o primeiro livro da série espírita: A Vida no Mundo Espiritual, atribuída ao espírito de André Luiz e lançado em 1944. A obra versa sobre assuntos relacionados ao desencarne, vida na colônia espiritual e a lei de causa e efeito, psicografada pelo médium por Francisco Cândido Xavier, conhecido como Chico Xavier (Pedro Leopoldo, 2 de abril de 1910 - Uberaba, 30 de junho de 2002), que foi um médium psicógrafo de mais de 450 livros e filantropo, considerado o grande expoente do Espiritismo.